

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

## A IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS DE SAÚDE NAS DOENÇAS CRÔNICAS<sup>1</sup>

### THE IMPORTANCE OF HEALTH GROUPS IN CHRONIC DISEASES

Elisa Regina Buratti Basso<sup>2</sup>, Maura Dupont de Oliveira<sup>3</sup>, Maristela Borin Busnello<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Artigo relacionado ao Projeto de Pesquisa intitulado Grupos de Saúde na atenção Básica: Experiências de promoção e educação em saúde, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências e ao Grupo de Estudos e Pesquisa Educação Popular, Organizações e Movimentos Sociais.

<sup>2</sup> Aluna do curso de Graduação em Nutrição da Unijuí, bolsista PROBIC/FAPERGS. E-mail: elisabasso@hotmail.com

<sup>3</sup> Aluna do curso de Graduação em Nutrição da Unijuí, bolsista PIBIC/UNIJUÍ. E-mail: mauradupont.o@hotmail.com

<sup>4</sup> Professora Doutora do Departamento de Ciências da Vida, orientadora, PPGEC/Unijuí. E-mail: marisb@unijui.edu.br

#### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No Brasil, o Sistema Único de Saúde preocupa-se cada vez mais com casos de usuários com doenças crônicas. As doenças crônicas são preocupantes pelo curso inflamatório da doença, comprometendo a saúde do indivíduo, necessitando de cuidado contínuo, pois

"as condições crônicas levam a mais sintomas e à perda de capacidade funcional. Cada sintoma pode levar a outros, num ciclo vicioso dos sintomas: condição crônica leva a tensão muscular que leva a dor que leva a estresse e ansiedade que leva a problemas emocionais que leva a depressão que leva a fadiga que realimenta a condição crônica"  
(BRASIL, 2012, p. 33).

Essa situação traz um grande desafio para as equipes de Atenção Básica, pois são condições de elevada prevalência, multifatoriais, que envolvem predisposição biológica, problemas socioeconômicos e culturais. Dados publicados sobre as doenças crônicas no Brasil na pesquisa realizada pela Vigitel em 2019, através de inquérito telefônico, mostrou que entre 2006 e 2019, a prevalência de diabetes passou de 5,5% para 7,4%, e a hipertensão arterial, subiu de 22,6% para 24,5%. O maior aumento, está relacionado à obesidade, que passou de 11,8% em 2006 para 20,3% em 2019 (variação positiva de 72%). Isso significa que dois em cada 10 brasileiros estão obesos. Com relação ao excesso de peso ou sobrepeso, metade dos brasileiros está nesta situação (55,4%).

Indivíduos obesos têm mais de 50% de riscos de morte prematura que indivíduos com peso adequado. A incidência de doenças cardiovasculares é maior em obesos e a prevalência de hipertensão arterial é duas vezes maior nesses indivíduos. Além da obesidade ser associada com elevação de triglicérides e com diminuição do colesterol HDL, e ao câncer de colo, de endométrio, de próstata, de rins e de mama, 80% dos portadores de diabetes também apresentam sobrepeso ou obesidade (BRASIL, 2012, p. 191). Os dados demonstram o quão complexo e alarmante é o panorama relacionado às doenças crônicas, pois desafiam os profissionais e o sistema de saúde, necessitando um grande investimento para tratamento adequados e para a prevenção das mesmas. Para que sua abordagem seja efetiva, os profissionais da saúde precisam unir-se como equipes engajadas, auxiliadas pelas famílias dos acometidos e seus respectivos saberes sobre o autocuidado, além do empenho da comunidade e de toda a sociedade.

De acordo com o Ministério da Saúde, a solução para essa crise está em acelerar a transição do

**Evento:** XXVIII Seminário de Iniciação Científica

**ODS:** 3 - Saúde e Bem-estar

sistema de atenção à saúde por meio de reformas profundas que implantem as redes de atenção à saúde, coordenadas pela atenção primária à saúde que tem em sua perspectiva principal a mudança no modelo de atenção (BRASIL, 2012, p. 21). Nos Cadernos de Atenção Básica do Ministério da Saúde, são abordados os conceitos, a linha de cuidado, considerando o aumento das doenças crônicas pelo envelhecimento das pessoas e aumento dos fatores de risco (fumo, sedentarismo, inatividade física, sobrepeso e má alimentação) (BRASIL, 2014, p. 51) e são apresentadas estratégias que podem contribuir para o enfrentamento dessa problemática.

Como menciona o Ministério da Saúde (BRASIL, 2012), o elo entre a equipe de saúde e as pessoas usuárias soma-se para definir os problemas, estabelecer as prioridades, propor as metas, elaborar os planos de cuidado e monitorar os resultados. É a gestão colaborativa do cuidado, em que os profissionais de saúde deixam de ser apenas prescritores de receitas para se transformarem em parceiros na saúde dos usuários. Nesse sentido as estratégias de manejo do processo de cuidado que busquem aproximar profissionais de saúde e usuários são valorizadas e contribuem para que resultados mais efetivos sejam alcançados. Dentre tantas possibilidades a organização dos grupos de saúde na atenção básica tem sido estimulada, como uma tecnologia de cuidado participativa, de educação e mobilizadora de sujeitos.

Documentos orientadores na área da saúde coletiva recomendam que os profissionais da Atenção Básica se mobilizem para realizar atividades em grupo como uma estratégia sagaz de educação na linha de cuidado das doenças crônicas. De acordo com Zimmerman (2007) os grupos na área de saúde podem se constituir em espaço de possibilidade de identificação e pertencimento entre pessoas com vivências similares. O autor aponta que há diversas configurações grupais que podem ser constituídas, mas de modo geral nos grupos “cada um aprende a escutar, a transmitir mensagens verbais, a se solidarizar e, sobretudo, a aprender com as experiências similares dos colegas do grupo”.

Para Seminotti (2016), os grupos de saúde que são organizados na atenção primária em saúde, podem ser definidos como

"semiestruturados, quer dizer, os facilitadores do grupo definem previamente atividades a serem desenvolvidas na sessão seguinte, executam-nas, acolhem e estimulam os participantes à conversação sobre o que ocorre no grupo. Além disso, não possui número limitado/preestabelecido de sessões de grupo, possibilitando a participação ativa dos usuários e o acompanhamento longitudinal pela equipe de saúde". (Seminotti, 2016)

Ainda de acordo com o autor Seminotti (2016), a lógica de grupo se baseia na dinâmica da roda, onde profissionais se acomodam entre os usuários, a fim de proporcionar diálogo com compartilhamento de experiências e trocas de saberes.

Para que um conjunto de pessoas constitua um grupo é preciso que ele se vincule e interaja no sentido de alcançar o objetivo comum. Não pode haver transformação sem diálogo, sem interação, sem a troca, sem a palavra do outro construindo sentidos junto à minha, seja na mesma direção, seja em sentidos contraditórios, em um movimento permanente, dialético e em espiral (PEREIRA, 2013). Para este autor, os benefícios da utilização dos grupos no cuidado em saúde na atenção básica começam pela redução dos atendimentos individuais, promove participação ativa das pessoas no

**Evento:** XXVIII Seminário de Iniciação Científica

**ODS:** 3 - Saúde e Bem-estar

processo de mudança, além de um maior envolvimento dos profissionais com os usuários e estímulo ao empoderamento dos sujeitos na produção da saúde. Nessa perspectiva, a metodologia dos grupos de saúde vem sendo explorada nas Estratégias de Saúde da Família pela Atenção Básica, com foco em ações coletivas, compartilhamento de vivências, com o objetivo de fomentar a educação em saúde e a autonomia dos sujeitos.

## OBJETIVO

Descrever quais são as contribuições dos grupos de saúde no enfrentamento das doenças crônicas, abordando às experiências que cada município entrevistado descreveu sobre suas ações coletivas no enfrentamento destas doenças.

Palavras-chave: grupos de saúde; doenças crônicas; educação em saúde. Keywords: health groups; chronic diseases; Health education.

## METODOLOGIA

Caracteriza-se por ser um estudo descritivo de abordagem qualitativa que buscou descrever quais são as estratégias adotadas nos municípios da regional de saúde em relação ao planejamento sobre a educação permanente, bem como as práticas grupais em saúde. Foram entrevistados ao todo 20 profissionais de saúde que fazem parte dos NUMESCs (Núcleo Municipal de Educação e Saúde Coletiva) dos municípios. As entrevistas foram realizadas presencialmente no ano de 2019, nas dependências das respectivas Secretarias de Saúde dos municípios. As entrevistas foram gravadas, transcritas, e analisadas na perspectiva da análise de conteúdo (Minayo, 2010) o que possibilitou vislumbrar e analisar as ações desenvolvidas pelos dos sete municípios visitados. A pesquisa foi desenvolvida considerando as normas da ética em pesquisa com seres humanos e faz parte do projeto maior “OS GRUPOS DE SAÚDE NA ATENÇÃO BÁSICA: EXPERIÊNCIAS DE PROMOÇÃO E EDUCAÇÃO EM SAÚDE” foi aprovado pelo CEP Unijuí sob parecer nº 2.621.232.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas ao todo 20 pessoas, todas profissionais de saúde, geralmente enfermeiros, os quais coordenam os processos de educação em saúde nos municípios. No contexto da atenção básica em saúde, de acordo com a expansão das doenças crônicas surge uma demanda de intervenções mais eficazes no cuidado e no tratamento. Desta forma, compilamos as falas dos profissionais que afirmam ser a prática grupal e de roda de conversa como benéficas na conscientização social, de educação e promoção em saúde que é realizada nestes municípios.

Observamos nos relatos dos participantes da pesquisa, que os grupos de hipertensos e diabéticos são predominantes nas Estratégia de Saúde da Família (ESF) até então visitadas. Os processos de autocuidado que os grupos promovem são eficazes para a diminuição da carga da doença em grupo, além da aprendizagem inerente, conforme o relato do profissional entrevistado no M5, “a ideia é trabalhar realmente a questão da promoção em saúde”. O estudo de Menezes e Avelino (2016, pg. 125) coloca que os grupos promovem programas educativos que possibilitam uma melhoria da qualidade de vida e saúde das pessoas e na Atenção Primária, possuem uma prática coletiva de problematização e discussão, gerando um processo de aprendizagem crescente. Na fala do M2 foi observado que é abordado a saúde como um completo bem estar físico, mental e social, “o que interessa é a educação; mas as pessoas caminhavam, fazem promoção, vão viajar né, o grupo, então,

**Evento:** XXVIII Seminário de Iniciação Científica

**ODS:** 3 - Saúde e Bem-estar

tudo isso é saúde né?”, constata-se que o estímulo à educação é contínuo, mas abordam a saúde como um todo e não só na ausência de doença.

Foi identificado em 3 municípios os grupos de redução de peso que busca trabalhar a reeducação alimentar e o incentivo da prática de exercícios físicos em grupo. No M7 foi observado grande empenho da equipe multiprofissional que investem em intervenções grupais com planejamento e monitoramento, como identificado na fala de M7 “quem está participando houve bastante melhora, uma usuária perdeu 20 kg, então isso dá fôlego pra continuar, a maioria emagreceu, teve redução de medidas e a pressão começou a estabilizar”. Os resultados do trabalho com grupos de saúde são encontrados em outros municípios visitados, levando em consideração a fala do profissional no M5 “Contribui um monte assim né, as rodas de conversa; lembro de pacientes assim que tomava muita medicação, muita medicação mesmo e depois que começaram a participar do grupo com ele, diminuíram bastante assim”. A prática grupal tem se mostrado eficaz na construção da saúde em geral dos indivíduos, melhorando aspectos do controle da doença, da alimentação, do bem estar e saúde mental, como se identifica no M6 “foi melhorando a alimentação, melhorando a adesão ao tratamento medicamentoso né, e conseqüentemente baixa os índices glicêmicos, a pressão arterial, o controle, também muito importante assim, como o grupo não é só pra hipertensos e diabéticos, a gente tenta abranger mais assuntos”. Os indivíduos iniciam um processo de aprendizado quando são compartilhadas dificuldades semelhantes em um ambiente de troca de experiências e por fim unem-se os objetivos de alcançar melhor qualidade de vida.

De acordo com o pensamento de Maceno e Heidemann (2016), lidar com este contexto implica em fornecer orientações multiprofissionais que influenciam positivamente nas respostas das pessoas aos seus problemas de saúde. Para o cuidado comum das pessoas com doenças crônicas, é importante reforçar na formação de profissionais cada mais engajados na mesma causa, pensando a dinâmica de grupo como facilitadora no trabalho e no aprendizado dos indivíduos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Sistema de Saúde tem o papel de oferecer tratamentos adequados à sociedade, independente da sua enfermidade, classe social e política. Além da garantir recuperação, é papel do sistema trabalhar a promoção e educação em saúde, que pode ser promovida por meio dos grupos de saúde, estratégia que atinge maior parte dos usuários crônicos de forma coletiva.

A pesquisa realizada entre os profissionais dos municípios da regional de saúde, ilustra benefícios resultantes da participação das pessoas nos grupos de saúde, corroborando com a narrativa dos autores da área. Os grupos fortalecem a comunicação, promovem identificações, aprendizados e vínculos entre os sujeitos, relacionando teoria e prática tendo como resultado o processo de autonomia e empoderamento dos indivíduos. Dessa forma o trabalho com os grupos de saúde reverbera na educação em saúde da comunidade e no processo de controle das doenças crônicas.

Os resultados apontam para a necessidade de dar continuidade na pesquisa e ampliar a busca das informações junto à outros NUMESCs da Regional de Saúde. Destaca-se ainda, como fundamental fortalecer a Educação Permanente em Saúde dos profissionais de saúde para disseminar as intervenções grupais entre as ESFs, a fim de atingir maior número de indivíduos enfermos ou não, através da educação em saúde e do empenho de profissionais e da comunidade em sua totalidade.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Vigitel Brasil, 2019: **Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico**. Brasília, DF. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: . Acesso em: 20 de mar. 2020.

MENEZES, Kênia K. P. de; AVELINO, Patrick R. **Grupos operativos na Atenção Primária à Saúde como prática de discussão e educação: uma revisão**. Cad. Saúde Colet., 2016, Rio de Janeiro, 24 (1): 124-130.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde**. (11ª. ed.). São Paulo: Hucitec, 2010.

MENDES, Vilaça, Eugênio. **O Cuidado das Condições Crônicas na Atenção Primária à Saúde: o Imperativo da Consolidação da Estratégia da Saúde da Família**. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Brasília. 2012.

PEREIRA, Thaís Thomé Seni Oliveira. **Pichon-Rivière, a dialética e os grupos operativos: implicações para pesquisa e intervenção**. Revista SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo. 14(1):21-29, 2013.

SEMINOTTI, Nedio. **O Pequeno Grupo como Um Sistema Complexo: uma Estratégia Inovadora para Produção de Saúde na atenção Básica**. Série Atenção Básica e Educação na Saúde. – 1.ed. – Porto Alegre: Rede UNIDA, 2016. 217–

MACENO, Priscila Rosa; SCHULTER Buss Heidemann, Ivonete Teresinha. **DESVELANDO AS AÇÕES DOS ENFERMEIROS NOS GRUPOS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**. Revista Texto & Contexto Enfermagem, vol. 25, nº 4, 2016, p. 1-9. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71447791026>

ZIMERMAN, David. **A importância dos grupos na saúde, cultura e diversidade**. Vínculo, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 1-16, dez. 2007. Disponível em . acessos em 13 jul. 2020.

**Parecer CEUA: 076/15**